

apaixonante da vida e obra de César e/ou de Cícero. Resta-nos, assim, aplaudir e agradecer aos respectivos autores terem-nos proporcionado tão valiosos e prestimosos instrumentos de trabalho.

EMÍLIA OLIVEIRA

Maria Cristina Pimentel, *Séneca, Coleção Vultos da Antiguidade (10)*, Mem Martins, Editorial Inquérito, 2000.

Filósofo estoíco, homem de letras e de estado, é Séneca um dos nomes mais proeminentes da Antiguidade Clássica. Pela sua proximidade com Nero, de quem foi preceptor, amigo e conselheiro, a sua biografia merece também a nossa especial atenção.

Do volume que temos entre mãos, são vários os aspectos que consideramos dignos de destaque. O primeiro prende-se, como é tónica dominante na colecção, com a constante referência a fontes histórico-literárias antigas, das quais se evidenciam Dión Cássio, algo desfavorável a Séneca, e Tácito. Informações complementares podem encontrar-se ainda num sem-número de outros autores antigos, contemporâneos ou não de Séneca, e cuja referência vem explícita na Bibliografia final, da qual constam não só fontes antigas, mas também estudos recentes, bem como traduções em português de algumas das obras do filósofo.

Louvável, também, é a inclusão de escritos do próprio Séneca, quer ao longo do volume, quer num capítulo final, imediatamente antes da *Bibliografia*, assumindo alguns deles particular relevância para o conhecimento da sua vida.

Todo este livro, aliás, se encontra repleto de expressões latinas que, incluídas no corpo do texto, dão livre voz aos pensamentos da autora. Lamentamos, somente, que alguns termos ou expressões não sejam traduzidos, nem tão pouco explicados, o que poderá provocar, a um leitor menos familiarizado com a língua e civilização latinas, uma dificuldade acrescida de compreensão do texto.

Muito mais que um filósofo e um homem de estado, é-nos apresentado alguém, cuja vida, como a de todos os mortais, tantas vezes foi marcada por momentos de fraqueza e incoerência, que lhe valeram críticas e acusações de contradições entre o estoicismo que defendia e a sua conduta.

Na verdade, é o próprio Séneca quem nos abre as portas ao conhecimento dessa corrente filosófica, imprescindível para o entendimento da sua forma de ser e estar na vida, bem como de alguns dos seus actos, mesmo aqueles que aos olhos da crítica, são considerados contraditórios e inaceitáveis.

Ao longo das suas obras, de onde são constantemente referidos excertos, são-nos fornecidas autênticas lições, corroboradas pelo seu exemplo, pela imagem da sua própria vida, o mais belo bem que possui e que deixa como

herança aos amigos. Aceitemo-las, pois, com a mesma simplicidade e serenidade com que sempre tentou conduzir a vida e encarar a morte.

De escrita simples, acessível, fluida, e atractiva, uma narração “próxima do romance” (p. 2), como é apanágio da colecção, quase nos permite entrar na pele de Séneca, experimentar as suas vitórias, sofrer as suas derrotas, sentir a dor com que se despediu da sua adorada esposa, e ao mesmo tempo a calma e a serenidade com que encarou a morte, momento para o qual, aliás, se havia preparado durante a vida.

Nos últimos parágrafos, e a título de conclusão, a autora convida-nos a ler e amar Séneca, tal como um dia, como confessa na dedicatória, também o Professor Doutor José António Segurado e Campos a ensinou a amar esta “personagem fascinante, porque controversa, que sempre em busca da perfeição, tantas vezes errou” (p. 65).

RAQUEL FILIPE

João Beato, *Nero, Colecção Vultos da Antiguidade (12)*, Mem Martins, Editorial Inquérito, 2000.

De todos os imperadores de Roma, um dos que mais se destacou pela fortuna que teve e pela fama que alcançou ao longo dos séculos foi certamente Nero.

Figura mediática e carismática, única e singular, extremamente controversa e ao mesmo tempo fascinante, foi alvo da atenção dos mais diversos historiadores, artistas e literatos, desde a Antiguidade até aos nossos dias, tendo também, nos últimos anos, constituído centro de interesse de cineastas, para o que basta recordar o exemplo do clássico *Quo Vadis*.

Amado por uns, odiado por muitos, não há ninguém para quem esta personagem seja absolutamente indiferente. Autor de alguns crimes e certamente acusado de muitos outros, foi-se dele criando, ao longo dos tempos, uma imagem cada vez mais denegrida, que lhe valeu a fama de louco, consequência, talvez, das diferentes interpretações ou concepções que da sua vida e obra se foram fazendo, e que a tradição se encarregou de acentuar e difundir.

É, pois, com agrado que vemos emergir à luz do conhecimento do leitor uma nova biografia do último imperador da dinastia dos Júlio-Cláudios. Nesta, o autor propõe-se reformular e, se possível, refazer a imagem que do biografado têm os leitores, tarefa que se avizinha desde as primeiras páginas “árdua, espinhosa e complexa”, mas simultaneamente “sugestiva, atraente e gratificante” (p. 7).

A fim de cumprir o objectivo a que se propôs, o autor recorre, antes de mais, a três fontes histórico-literárias antigas, a saber: “aos *Annales* de Tácito, ao *De vita Caesarum* de Suetónio e à *Historia Romana* de Díon Cássio”, cujas